

sexo feminino, servindo como um outro modelo para essas esposas, quando não se deixava paralisar ou continuava com a mente ativa, diante das agressões desses homens, na própria relação transferencial.

O mesmo tipo de interferência foi observado nas situações em que foi necessária a substituição de terapeutas. Para alguns casais, ou para um dos pares, com certeza aquele(s) de personalidade mais comprometida, era importante, ou um fator a mais de confiança na continuidade do processo psicoterápico, que se mantivesse, nessa troca, o mesmo sexo do terapeuta anterior.

Concluindo, podemos afirmar, em consonância com a maioria dos teóricos e clínicos que trabalham com terapia de casais, a respeito da maior complexidade que pressupõe essa proposta terapêutica quando comparada com a análise ou psicoterapia individual. Frente a isso, acreditamos ser de extrema relevância o terapeuta complementar seu aprofundamento acerca do entendimento das relações conjugais, através dos estudos psicossociais, que, fundamentalmente, apontam as mudanças que foram ocorrendo na esfera do casamento e configurações familiares na contemporaneidade.

6

Contribuições dos estudos psicossociais

A contemporaneidade encerra mudanças profundas na maneira do homem se relacionar, na esfera amorosa, na constituição das famílias, nos papéis e funções sociais desempenhados, no contexto sociocultural etc.

O mundo que nos circunda, para alguns autores definido como pós-moderno e, para outros, ainda pertencente à modernidade (Guiddens, 2002), reveste-se de algumas características que interferem diretamente na forma dos indivíduos se relacionarem, principalmente na esfera amorosa ou conjugal, e familiar, que é o nosso foco de interesse.

As descrições do que seria a pós-modernidade mostram que suas características giram em torno da fragmentação, da dispersão e da superficialidade (Peed, 2005, p. 58).

Em continuidade, a realidade pós-moderna investe-se de um mundo altamente tecnológico, globalizado, onde as diferenças culturais diminuíram grandemente pelo poder das várias formas de comunicação, e onde o homem vive cada vez mais alienado ou distanciado do seu mundo interno, da introspecção, daquilo que demanda tempo para elaborar. Vivemos numa sociedade onde tudo se processa num ritmo rápido e alucinante, da ênfase no visual e sonoro, onde o *habitat* silencioso é um fato do passado. A cultura do descartável, impulsionada pela máxima do consumismo, passa a ser um modelo que também influenciará nos relacionamentos (Gomes e Paiva, 2003a, p. 4).

Ainda nesse contexto do pós-moderno, observamos o aumento gradativo das doenças psicossomáticas, da medicação excessiva, da busca rápida pelo alívio do sofrimento psíquico, com a multiplicação da literatura de auto-ajuda, do empobrecimento econômico das famílias, principalmente nos países de terceiro mundo, de que fazemos parte, da vida caótica nas grandes cidades (poluição, inundações, péssimas condições de moradia, proliferação de doenças infecciosas, trânsito, corrupção...), enfim, vários fatores que, ao longo do tempo, foram contribuindo para uma profunda quebra de valores e de referenciais, deixando o homem muito desamparado. Por conseguinte, como dimensionaríamos as funções do casamento e da família dentro desse quadro de novo século? (ibid., p. 5)

Ao longo da história, casamento e família formavam um bloco único e ocupavam diferentes funções na sociedade. Desde os primórdios tinham como função básica a manutenção da riqueza e da propriedade, passando pela interferência dos dogmas religiosos, ou seja, a indissolubilidade do casamento pelo Cristianismo, até a inclusão da perspectiva amorosa com a escolha dos parceiros, e a família sendo, nas sociedades capitalistas, um refúgio para um mundo sem coração, de acordo com Lasch (1991).

Os movimentos sociais da década de 1960, como o feminismo, a liberação do divórcio, o surgimento da aids, também contribuíram substancialmente para importantes mudanças nas estruturas familiares. Gomes (1998, 2000) aponta, como consequência dessas transformações sociais, as dificuldades que foram surgindo no estabelecimento dos papéis de homem/mulher nos casamentos atuais. A fragilidade do homem frente a uma sociedade competitiva e estressante, na qual vai-se tornando cada vez mais difícil desempenhar o papel de provedor da família, não somente pela disputa da mulher, no espaço externo ao lar. A mulher entrando em sérios conflitos entre a escolha pela maternidade e/ou ascensão profissional, o que permite, hoje, o estabelecimento de casamentos sem filhos, por opções pessoais, contrariando os modelos do passado.

Na contemporaneidade, temos que criar uma “desconstrução” do conceito de casamento atrelado à constituição de uma família, já que o desenvolvimento da ciência vem permitindo a possibilidade da concepção *in vitro*, o que gera novos padrões de estruturas familiares. Em acréscimo, as famílias vão se constituindo de uma forma mais ampla, incluindo os novos parceiros (marido da mãe/esposa do pai) e os filhos e irmãos agregados, nas chamadas famílias reconstituídas e as famílias homoparentais. Passos (2003) comenta sobre a transitoriedade que marca as configurações atuais de família e aponta a necessidade da criação de abordagens teóricas que discutam “as distintas facetas da grupalidade familiar e que permitam a compreensão das diferentes formas de ser família hoje” (p. 15).

A perda substancial do papel e função do pai – já que um grande número de famílias é composta apenas pela figura materna – mas não só por esse fato, indica para a falência e substituição do modelo de família e casamento tradicionais, que na psicanálise freudiana tem sua raiz na conceitualização do complexo edípico. “Nas sociedades contemporâneas, constata-se, por meio da clínica psicanalítica, que o Outro deixa, gradualmente, de se fazer representar pelo pai e pelas instituições tradicionais” (Peed, 2005, p. 61). A autora enfatiza que, nos dias de hoje, a pulverização do Nome-do-Pai significa o fracasso do que antes era dotado de aparente universalidade.

Roudinesco (2003), em seu livro *A família em desordem*, discute em profundidade sobre a queda progressiva da soberania divina do pai, na família ocidental, nos dois últimos séculos, basicamente pela irrupção do feminino... “Estaremos assistindo ao nascimento de uma onipotência do materno que viria definitivamente aniquilar o antigo poder do masculino e do paterno em benefício de uma sociedade comunitarista ameaçada por dois grandes espectros: o culto de si próprio e a clonagem?” ... (p. 12), entendido como sinônimo de todo o processo de emancipação da mulher na sociedade capitalista burguesa e nas transformações do mundo pós-moderno, que

determinaram as novas configurações familiares da atualidade e os novos papéis desempenhados por todos (marido, mulher e filho), nesse contexto.

À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX. (Ibid., p. 21)

Em lugar de ser reduzida a seu papel de esposa ou de mãe, a mulher foi se individualizando à medida que o acesso ao prazer era dissociado da procriação. Quanto à criança, projetou-se em uma identidade diferente da de seus pais. Com isso, a dominação paterna só pôde ser exercida numa partilha consentida que respeitava o lugar de cada um dos parceiros ligados pela instituição matrimonial. (Ibid., p. 101)

A criança ocupou então, em sua relação com a mãe, o lugar central reservado a Deus pai. Assim ela herdou, valendo-se de sua onipotência, uma imagem turva da autoridade paterna, que parecia se dissipar no nada de uma maternalização crescente. (Ibid., p. 108-109)

A família contemporânea se pretendeu frágil, neurótica, consciente de sua desordem, mas preocupada em recriar entre os homens e as mulheres um equilíbrio que não podia ser proporcionado pela vida social. Assim, fez brotar de seu próprio enfraquecimento um vigor inesperado. Construída, desconstruída, reconstruída, recuperou sua alma na busca dolorosa de uma soberania alquebrada ou incerta, conclui a autora.

O mesmo aconteceu com as relações amorosas? O casamento, com o passar do tempo, insere a dimensão romântica e de escolha afetiva no seu estabelecimento e manutenção, perdendo-se o caráter institucional do passado, numa retomada das

idéias mencionadas acima. Todavia, também sob esse aspecto temos a influência das características deste novo século, com a noção de rapidez, fluidez e superação tecnológicas, aplicadas ao universo dos relacionamentos afetivos.

Bauman (2004) traz uma visão, até certo ponto bastante pessimista, assentada na sociologia e filosofia, sobre a fragilidade que envolve os relacionamentos humanos dentro de um ambiente de total liquidez, que vai permeando o amor na atual modernidade.¹ O autor discorre, de forma pouco teórica, acerca da necessidade de o homem moderno se relacionar, sobre as concepções do amor, sexualidade e formação das famílias, hoje, salientando o caos instituído pela não perenidade dos vínculos afetivos proveniente de uma sociedade que valoriza ao extremo o individualismo e o consumismo, e que associa o amor a uma habilidade a ser desenvolvida ou adquirida, à semelhança das mercadorias.

Numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa”. (p. 21-22)

Calligaris (2001), num artigo de jornal de grande circulação, discutiu bem a questão da intercessão desse *modus vivendi* com a paixão pelo novo, que tem como consequência o surgimento da cultura do descartável, e o casamento...

Há poucos traços tão relevantes na subjetividade moderna quanto a paixão pela mudança e, por consequência, a ojeriza da

1. O autor citado é um sociólogo renomado, cuja obra é bastante original, mas partidário da corrente de teóricos que define as transformações vividas na atualidade como pertencentes, ainda, à era moderna.

mesmice. O gosto pela novidade é crucial em nossas vidas. E isso funciona como incentivo essencial para o sistema de produção e consumo no qual vivemos... O cônjuge torna-se a encarnação dos motivos pelos quais desistimos do novo e da aventura. Ele é o responsável pelo nosso tédio, culpado de toda estagnação... O casal torna-se descartável como a esférogáfica e o isqueiro. Não funciona mais? Jogue fora... (p. E11)

O casamento, nesse paradigma da pós-modernidade, só poderá ter existência se estiver ligado a uma noção de mutabilidade, transformação, flexibilidade para o novo e diferente, espaço de desenvolvimento interpessoal e de criatividade (Gomes e Paiva, 2003a).

Porém, a visão de casamento, na atualidade, encerra uma percepção paradoxal, isto é, as pesquisas em todo o mundo prosseguem mostrando que os indivíduos continuam se casando, a despeito das separações, e recasando... Calligaris (2001) afirma que, na última década, os casamentos prevaleceram. Entretanto, ainda segundo ele, a chave da felicidade estaria no esforço dos parceiros em conviver com a mesmice de todo o dia, levada a sério, que (novamente o paradoxo!) “nos reservaria uma novidade a cada esquina...” (p. E11). O autor termina sua exposição com um ponto de vista bastante esperançoso, a respeito da vivência cotidiana no casamento:

Se os esforços para manter ou reinventar o casamento nos parecessem tão emocionantes quanto a procura e o risco da novidade, o casamento encontraria um fôlego extraordinário, pois conciliaria a paixão pelo novo com a nostalgia de um porto seguro... Para muitos, mesmo após décadas de convivência, o cônjuge e a própria relação seguem sendo continentes inexplorados. (Ibid.)

Jablonski (2003) traz uma importante contribuição com respeito ao que homens e mulheres (casados, separados e recasados) esperam do casamento contemporâneo, segundo os resultados de sua pesquisa com representantes da classe média do Rio de Janeiro, investigando importantes áreas do

relacionamento conjugal, tais como: expectativas ante o casamento e sua manutenção, sexualidade e relações extramaritais, formação de uma família, importância dos filhos etc. Em alguns tópicos, salientam-se resultados diferenciados pelo gênero e distinção nos papéis sociais, ou seja, em muitos aspectos homens e mulheres têm percepções, vivências e expectativas diferentes, e que ainda se encontram muito ligadas ao modelo tradicional da família patriarcal.

As enormes conquistas a reboque do movimento de emancipação feminina ainda não eliminaram diferenças substantivas no que diz respeito ao usufruto de direitos, oportunidades e conquistas sociais. A prevalência de uma dupla moral sexual, a dificuldade exibida pelos homens em dividir as tarefas dentro do lar, limitações de salários e de real ascensão socioeconômica são alguns exemplos de como a mulher se encontra em uma espécie de meio de caminho. (p. 151)

A admissão de relações extraconjugais para o homem ou para a mulher. Aqui, as atitudes expressas revelam significativa rejeição a esta prática. As mulheres não a admitem nem para si nem para os homens. Os homens também se mostraram avessos a esta prática, mas com uma distinção, na medida em que foram bem tolerantes quando auto-referidos. Esses dados confirmam que a ideologia que permeia a sociedade ainda é muito diferenciada, e que – no que diz respeito à sexualidade – a “igualdade” entre os sexos é uma utopia ou um projeto ainda distante. (p. 152-153)

... 36,6% da amostra masculina e 50% da feminina apresentaram um padrão de atividades sexuais abaixo do “esperado”, levando uma vida sexual não compatível com os padrões considerados socialmente desejados e satisfatórios. Lembre-se que vivemos em uma sociedade considerada bastante erotizada, com a mídia e as artes pintando um clima social de permissividade e de incentivo erótico, que aparentemente não encontra respaldo nos dados fornecidos pelas pesquisas na área. (p. 155)

De modo geral, as mulheres se mostraram mais insatisfeitas que os homens. O modelo de casamento vigente entre a classe média urbana parece afligir especialmente as mulheres, como de fato outras pesquisas atestam, ao mostrar que são elas que tomam a iniciativa dos pedidos de separação/divórcio, mesmo antevendo uma eventual queda nos padrões de vida. Para os homens, a concepção de casamento privilegiava a possibilidade de constituir família. (p. 164)

A família e o casamento vêm sofrendo transformações no transcorrer dos séculos, porém a velocidade dessas mudanças ainda é pequena, considerado o longo tempo de existência histórica dos modelos instituídos no passado, fundamentalmente no que diz respeito às identidades feminina e masculina e a construção da conjugalidade.

A construção da conjugalidade, nos casamentos contemporâneos, deveria ser um fato plenamente estabelecido, já que ela é decorrente da emancipação feminina, da liberação sexual, da escolha amorosa entre os parceiros e do casamento não mais atrelado à constituição familiar como objetivo primeiro. Todavia, não é isso que se observa nos estudos e pesquisas psicossociais nem na clínica.

Se, por um lado, a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo "culto" ao individualismo, o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais, isto é, pelas tensões entre individualidade e conjugalidade (Carneiro, 1998). A autora discute toda a dificuldade inerente ao casal atual de existir na confluência de um duo, oriundo do estabelecimento de uma relação, de um projeto comum, de um desejo conjunto, sem perder a dimensão subjetiva de cada um, que encerra as percepções diferenciadas de mundo, a história de vida única, os projetos individuais:

Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles... Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim

como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades. (p. 3)

De acordo com o exposto até aqui, teríamos como um processo natural, para esses casais, primeiramente, a construção desse espaço de conjugalidade, onde aliança e sexualidade seriam as dimensões mais valorizadas e, depois, mas não como condição necessária, o estabelecimento da parentalidade. O que, na vivência prática, nem sempre ocorre. Em nossa clínica, alguns casais se uniram e se mantiveram no casamento em função dos filhos que, ou surgiram precocemente (gravidez não planejada) e levaram o casal a se juntar, ou, com o estabelecimento da parentalidade, os casais vêm dissolvendo a conjugalidade que já era incipiente, confirmando a retomada dos valores do passado sobrepujando a constituição do familiar à existência do conjugal.

Partilhamos, totalmente, com outros pesquisadores e clínicos dessa área, em especial Carneiro (1980, 1998), a posição que enfatiza a relevância da relação conjugal para o desenvolvimento emocional dos filhos, aliás, eixo central deste trabalho. Contudo, quando esses espaços são misturados dentro da estrutura familiar, sofrerão todos, em especial a criança.

A pós-modernidade tem como consequência direta, retomando as idéias de Roudinesco (2003), a perda da função paterna. O afastamento da autoridade patriarcal leva os pais do presente a assumirem relações simétricas com os filhos, mobilizando rivalidades, invejas e ciúmes próprios dos vínculos fraternos (Costa, 2001, p. 781). Isso conduz a uma imaturidade das funções parentais e à falência dos processos educativos na chamada "inversão de ideais: em vez de o filho idealizar o pai, este é que vai idealizar o filho" (p. 796).

É na intimidade das relações familiares que o paradoxo da mudança se instala: tudo muda, mas muda o quê? Na medida em que nos afastamos da família patriarcal, em que o casamento não é mais o único meio de ascensão social para a mulher,

em que o incentivo ao desenvolvimento da individualidade é levado ao extremo, temos a possibilidade de uma nova configuração nas famílias, que vem gerando uma nova ordem, mas até o presente caótica.

Homens e mulheres, principalmente na esfera doméstica, ainda não se acertaram totalmente no processo de incorporação das novas identidades masculina e feminina. Ainda há muita discussão sobre a divisão das tarefas domésticas, e a mulher, quando se torna a única provedora da família, sente-se e é vista pelo companheiro como “usurpadora” desse lugar. Uma das formas de exercício do poder, no interior da família, concretiza-se pelo “uso” do dinheiro, que se junta à disputa pelos filhos.

Essas novas identidades incorporadas no seio da família, como por exemplo o “pai materno”, desenvolve-se num cenário de ambigüidades: é desejado e temido pela esposa/mãe, que também tem sua contrapartida conflitante entre desempenhar a maternidade e ocupar um papel profissional. Coutinho (2005) traz à tona esse velho tema (o qual ela mesma faz questão de incluir no título de sua obra) que é antigo, mas vem persistindo à implantação de todo esse novo cenário, sobre as angústias e conflitos contidos na escolha pela maternidade, em mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida e a interface com o casamento.

O que hoje consideramos masculino e feminino, dadas todas as transformações sociais já apontadas anteriormente, e que, vertiginosamente vêm se sucedendo em nossa sociedade – a título de complementação, citamos, ainda, as alterações na moda (unisex), as mudanças cirúrgicas de sexo, o desaparecimento da homossexualidade como patologia psiquiátrica – promove fortes alterações nos padrões consagrados de funcionamento dessas duas caracterizações de gênero.

Spivacow (2005) teoriza a respeito das identidades masculino/feminino atreladas à formação do par conjugal, como tendo sido sempre dependentes de uma ótica que envolveria as noções de polaridade e complementaridade; ou seja, essas

identidades apresentar-se-iam como opostos polares e excluídos em que se daria ou não um fenômeno de complementaridade. Não obstante, essa lógica aplicada ao mundo pós-moderno sofreria algumas correções: o masculino e o feminino seriam, então, dois modos de ser não complementares entre si, mas também não se colocariam como antagônicos, isto é, se atrairiam, porém sem se completar nem se opor. Estariam instaurando a “lógica das diferenças” que ainda é uma das formas mais difíceis de se criar e manter uma conjugalidade.

No casamento e na família contemporâneos, os modelos tradicionais são substituídos por novas representações, de forma lenta, promovendo um intervalo de coexistência ou interseção, que é o que vivemos na atualidade, cujos fenômenos e conseqüências são claramente visíveis no desenvolvimento emocional de todo ser humano.

Portanto, acreditamos, com esta finalização, ter demonstrado a importância do resultado desses estudos para a promoção de maior reflexão sobre a figura do terapeuta de casais, o qual, também – e antes de mais nada – é um ser humano, com uma determinada identidade de gênero, e que se encontra envolvido por toda a espiral que domina o século XXI – espaço criativo e de repetição.